

A encarnação.

Isto é intolerável. Até a paciência quase infinita se vê esgotada. Intolerável, como essa gente abusa da sua liberdade. Não era isto que se pretendeu quando se tinha concedido a eles a capacidade de distinguirem entre os bons e os maus bocados. Que venham escolher sistematicamente os maus bocados. Deste jeito eles estragam tudo. Quando se tinha construído, durante seis dias cansativos, essa coisa toda, acreditou-se ter-se construído coisa inteligente. A idéia era esta: que seja mingau no qual nadam, indiscriminadamente, bons e maus bocados. Mergulhe-se gente no mingau que saiba distinguir entre os bons e os maus bocados. Essa gente pescará os bons bocados e os levará até a transcendência, e deixará no mingau apenas os maus bocados. Destarte a transcendência ficará sempre melhor, até tornar-se, no final do jogo, o "summum bonum". Quanto ao mingau, este passará a ser inteiramente ruim, e será relegado ao diabo, para este divertir-se com ele. Mas o fato é que essa gente é estúpida, e vai escolhendo os bocados errados. O diabo vai ganhando a partida. Algo precisa ser feito. É preciso mudar de estratégia.

Por que será que a gente vai escolhendo os maus bocados? Não será por causa da carne deles? Talvez os maus bocados são bons para a carne? Talvez foi erro ter-se recorrido à biologia ao se ter fabricado a gente? Mas que outra coisa deveria ter-se feito? Se se tivesse feito a gente apenas com bolhas espirituais, teriam constantemente emergido do mingau para estourarem em vez de pescarem bocados. Se se tivesse feito a gente apenas com minerais, teriam afundado. E se se tivesse feito a gente apenas com líquidos, teriam se dissolvido na sopa. Não havia muita alternativa. Era preciso fazê-los com carne, esse amálgamo de gases, líquidos e sólidos, para poderem nadar na sopa. Mas agora se verifica que a carne contém algo de podre, (alguma avidéz, alguma dinâmica, como é que Darwin vai chamar a isto?), que faz com que o diabo vá ganhar a partida.

O jeito é entrar-se na carne, para ver-se de dentro o que está acontecendo. Antes de recorrer-se a alternativas mais drásticas que permitam ganhar a partida. Por certo: tais alternativas não faltam para quem é quase todo-poderoso. Por exemplo: pode fazer-se com que a gente escolha automaticamente os bons bocados. Mas um tal jogo sem liberdade, portanto sem surpresa, não teria graça. Ou pode fazer-se com que a gente sufoque com os maus bocados que vai engolindo, (coisa já quase feita), e depois utilizar-se outro tipo de pescador de bocados, por exemplo os insetos. Tal substituição da humanidade por formigas estaria em acordo com tal "dinâmica da carne". Mas será que formigas merecem confiança maior que gente? Ou ainda pode fabricar-se um tipo novo de pescador, suficientemente inteligente este para utilizar bem a sua liberdade. Mas o problema é que até a quase-onisciência não vê de que material tal super-homem deveria ser feito: de chips? De maneira que, esgotada a paciência quase infinita, o melhor jeito é entrar-se na carne para ver em que dará isto.

Idéia excelente esta, porque permite duas coisas simultaneamente. Permite que se experimente tais coisas próprias da carne e até então inacessíveis, como o são a dor e o desejo. E permite também que se viva na carne, e destarte demonstre

a essa gente como escolher bocados. Graças a isto quem sabe poderá-se conservar a liberdade dessa gente, e ganhar a partida não obstante? Porque a gente teria, além da liberdade de escolha, ainda modelo de escolha. Afinal, essa gente não pode ser estúpida a ponto de continuar escolhendo os bocados errados, a despeito do modelo que lhes é oferecido?

Mas será preciso proceder-se com cuidado. Não se pode aparecer na carne de forma facilmente reconhecível. Por exemplo: não se pode ter seis braços ou a altura de dez metros. Porque aí essa gente toda não poderia senão aceitar o modelo passivamente, e obedecer-lhe. A liberdade teria acabado. É preciso tornar-se carne da maneira mais discreta possível, que exija da gente esforço para identificá-la. Mas como o diabo dispõe atualmente de vantagem no jogo, não poderá deixar de permitir pequenos truquinhos que facilitem à gente o reconhecimento. Alguns milagrinhos durante a encarnação são certamente permitidos.

Pois, feitas tais reflexões, decide-se incarnar-se. Aí surge um problema. Não se pode incarnar-se não importa aonde, não importa quando, não importa em que pessoa, e não importa como. É preciso incarnar-se em determinado lugar, determinado momento, em determinada pessoa, e por método determinado. Quanto ao método, já ficou decidido que deverá ser discreto. Não se pode por exemplo condensar-se do ar em praça pública, sem privar com isto a gente da escolha livre. Mas também seria honestidade exagerada, se se quizesse nascer segundo as regras normais da carne. Pois, graças à astúcia quase infinita da qual se dispõe, escolhe-se o método da partenogênese, coisa extremamente incomum, mas não excluída pelas regras da carne. Tal lance não pode deixar de ser aceito como legítimo pelo diabo.

Quanto à escolha do lugar, do momento e da pessoa para a encarnação, a situação do jogo, ela própria, parece sugerir-los. A saber: há, na Palestina da época do helenismo, um grupo de pessoas, os ditos "talmudistas", que se dedicam à pesquisa sistemática da distinção entre os bons e os maus bocados. Não que tal gente fosse mais eficiente na pesca que o resto. Mas pelo menos é gente que está se dando conta que a partida vai sendo vencida pelo diabo. E isto não apenas teóricamente, como o fazem os filósofos gregos, contemporâneos de tais talmudistas. Está se dando conta disto por fazer parte de um povo, o dos judeus, que acredita, por justa razão ou não, manter relações preferenciais com um dos jogadores. Esse povo acredita ter recebido, por escrito, um modo de ^{usar} usar a sopa. De forma que, se for decidido encarnar-se em um de tais talmudistas, será mais fácil o reconhecimento do fato. E, uma vez reconhecida a encarnação pelos talmudistas, estes espalharão a notícia para o resto da gente. Dito, feito: decidiu-se encarnar-se em rabino daquele lugar e tempo.

Lance genial, possível graças à quase onisciência do jogador: a partida está ganha por antecipação, e o diabo está vencido. Erro. O diabo conseguiu virar o lance, e a partida está praticamente perdida. E o diabo conseguiu fazê-lo graças a aspectos subalternos do lance, que não tinham sido bem ponderados.

A primeira surpresa desagradável foi a reação dos judeus. Em vez de reconhecerem eles a boa vontade que se tinha manifestado para com eles ao se ter

escolhido um judeu para incarnar-se, recusaram-se a admitir o fato. Eis como argumentaram. Já possuímos um modo de usar, por escrito, como pescar bocados. O jogador não pode ser tão incompetente a ponto de re-editar as instruções sob forma de carne. Não, essa coisa não pode ser lance autêntico: deve ser coisa do diabo. É preciso admitir que o argumento não é bobo. É que o diabo é jogador perigoso.

A segunda surpresa desagradável foi a reação do resto da gente. A notícia da encarnação se espalhou relativamente bem, a despeito da atitude negativa de parte considerável dos judeus. Mas espalhou-se de maneira contraproducente. É que foi praticamente reprimido o fato da encarnação se ter dado em rabino. Tal repressão se compreende. Admitida a encarnação em rabino, deixará ela de funcionar enquanto modelo. Como exigir que a gente imite a vida incarnada, se tal imitação implicar que essa gente toda vire rabino? Já que são precisamente os rabinos que se recusam a admitir a validade da encarnação? Mas embora a repressão do rabino na encarnação se compreende, falseia, ela o propósito todo do lance.

Porque, em vez de aceitarem a encarnação como fato, essa gente toda passou a interpretá-la, afim de dela eliminar a dimensão judia. Isto levou, por um lado, ao assassinado reiterado de massas de judeus, esses testemunhos vivos da falência da encarnação enquanto modelo. Por outro lado levou a assassinados em massa dos interpretadores da encarnação entre si, já que todo partido acreditava ser a interpretação dos demais partidos mortalmente errada. Com o decorrer do tempo tal assassinado perpétuo perdeu até de vista o propósito da matança toda. Em vez da gente se entrematar por causa da interpretação da encarnação, intermatava-se por causa da interpretação de modelos bolados pela própria gente. E quem matava com fervor maior foi precisamente a gente mais interessada em escolher os bons bocados, já que acreditava ser o matado aquele quem recomenda os maus bocados.

É pois preciso admitir que o mingau foi ficando sempre pior, precisamente por causa da encarnação, e que o diabo se revelou jogador extraordinariamente brilhante: transformou a encarnação em lance em seu próprio proveito. Poderia pois parecer que a partida está definitivamente perdida. Mas dada a quase onipotência, a quase onisciência, e o amor quase infinito, não é preciso abandonar-se o jogo. As alternativas drásticas continuam abertas. Quem sabe: automatizando-se a gente, ou fazendo-se com que sufoquem em sua própria maldade e sejam substituídos por formigas, ou fabricando-se seres mais inteligentes com chips, ainda se pode ganhar a partida? Tais alternativas devem ser meditadas cautelosamente. Mais cautelosamente que quando a encarnação foi decidida.